

NOVOS REGISTROS DE XENARTHRA (MAMMALIA:EUTHERIA) NA FAZENDA ACAUÃ, MUNICÍPIO DE RUI BARBOSA, RN

KLEBERSON DE OLIVEIRA PORPINO

Departamento de Ciências Biológicas, FANAT/UERN, RN, kporpino@bol.com.br

MARIA DE FÁTIMA CAVALCANTE FERREIRA DOS SANTOS

Museu Câmara Cascudo, UFRN, RN, mfatima@ufrnet.br

Os Xenarthra constituem um grupo de larga ocorrência em depósitos fossilíferos do Quaternário do Nordeste do Brasil, compreendendo diversas espécies autóctones extintas integrantes da megafauna do Pleistoceno final-Holoceno do território intertropical brasileiro. No Rio Grande do Norte, citações prévias incluem: *Tolypeutes* sp., *Holmesina paulacoutoi*, *Panochthus greslebini*, *Panochthus jaguaribensis*, *Eremotherium laurillardi* e *Glyptodon reticulatus*. O material analisado na presente contribuição compreende osteodermos de carapaça isolados, 01 metacarpo e falanges, que se encontram depositados no acervo do Museu Câmara Cascudo em Natal-RN. As peças são oriundas de um tanque situado na localidade de fazenda Acauã, município de Rui Barbosa. O depósito consiste em uma depressão de aproximadamente 35 m em seu comprimento maior e está inserido em afloramentos de xisto da Faixa Seridó. O preenchimento sedimentar compreende uma seqüência de três camadas, das quais a intermediária corresponde a uma brecha óssea, onde foram coletadas peças esqueléticas de mamíferos da megafauna pleistocênica (Proboscidea, Toxodontidae, Megatheriidae e Glyptodontidae) associadas a outros grupos com representantes de menor porte (Dasypodidae e Cervidae). Após análise das peças anteriormente referidas, foram identificados dois novos táxons sem ocorrências anteriores para o Rio Grande do Norte, os quais constituem o objeto desta comunicação: *Ocnotherium giganteum* e *Hoplophorus euphractus*. O primeiro, um Lestodontinae e o segundo, um Hoplophorinae, ambos considerados autóctones, apresentam registros prévios até então restritos aos estados de Minas Gerais e Bahia, no primeiro caso, e Minas Gerais, Bahia e, possivelmente, Piauí, no caso de *H. euphractus* [Cartelle, C. 1999. In: Heisenberg, J.F. & Redford, K.R. (eds.), *Mammals of the Neotropics*, The University of Chicago Press, v. 3, p. 27-46]. Do ponto de vista paleobiogeográfico, portanto, a distribuição dos referidos táxons é ampliada, o que contribui para corroborar a hipótese de que, considerando variações locais, havia durante o Pleistoceno final-Holoceno uma homogeneidade com relação a mastofauna do Brasil Intertropical.

A OCORRÊNCIA DE *NOTHROTHERIUM* (MAMMALIA: EDENTATA) EM PAINS (MG): UM FÓSSIL PERDIDO PELA BUROCRACIA?

LEONARDO MORATO

Unicentro Izabela Hendrix, MG, gepaleo@yahoo.com.br

MARCOS CRISTÓVÃO BAPTISTA

UFMG, IGC, Departamento de Geologia, MG, invirtus@yahoo.com.br

LUCIANO EMERICH FARIA

Grupo de Extensão e Pesquisas Espeleológicas Guano Speleo, UFMG/IGC, MG, luemfa@hotmail.com

Registra-se aqui a ocorrência de fóssil de preguiça terrícola, provavelmente *Nothrotherium* cf. *maquinense* (Lund) (Mammalia: Edentata) do Pleistoceno-Holoceno, no município de Pains (MG), que se soma à descoberta de um esqueleto parcial de *Stegomastodon waringi* (Holland) do mesmo município, mas em outra cavidade, em 1998. O fóssil foi encontrado durante trabalhos de consultoria espeleológica para a Mineração Solo Fértil, em uma pequena reentrância na rocha calcária em área de mata fechada. A cavidade possui morfologia de conduto horizontal, teto baixo (até 80 cm de altura) e desenvolvimento descendente de cerca de 3 m. Na entrada ocorria aporte de material terrígeno com matéria orgânica, associado com blocos e matações de calcário por toda a cavidade. Os ossos se encontravam no fundo da reentrância, assentados sobre sedimentos terrígenos inconsolidados, onde foi possível identificar um crânio parcialmente preservado e dois ossos longos. Na ocasião do achado, foi tirada uma fotografia com câmera compacta, resultando em uma imagem fora de foco, em função das limitações de espaço na cavidade. Esta é a única prova da ocorrência dessa preguiça. Em uma rápida averiguação de campo, realizada no início de novembro de 2003, o fóssil não foi encontrado; passou-se mais de um ano entre a descoberta, a identificação (pela fotografia), a comunicação com pesquisadores interessados no resgate e a obtenção de permissões para a escavação (que ainda não saíram). As condições do ambiente em campo, hoje, são diferentes, tornando a identificação da cavidade difícil, e o fóssil pode até ter sido destruído ou soterrado nas últimas chuvas.